

# JAZZ AGOSTO '88

Um maestro de sapatilhas, uma voz que soa como trompete, um solo de tuba espantoso, arranjos originais e excelente qualidade de som — assim abriu o ciclo Jazz em Agosto 88 no Anfiteatro ao Ar Livre da Gulbenkian, com a Vienna Art Orchestra. A prova, mais uma, de que o jazz e a música erudita se estão a fundir numa só corrente, subvertendo qualquer tentativa de catalogação. Hoje à noite há mais.



Um espanto, esta senhora. Lauren Newton usa a voz como se de um trompete se tratasse. Os ouvidos mais atentos puderam verificar que ela fazia coro com a secção de metais, os outros nem notaram a subtil diferença

## UMA LIÇÃO

## DE CRIATIVIDADE

• PAULO QUERIDO texto PAULA VIEGAS fotos

**A**LTO e esguio, cabelos compridos, «T-shirt» com a face de Marilyn Monroe estampada, por baixo do casaco leve, sapatilhas. Move-se à vontade no palco. Introduce os temas, encaminha os músicos — e baixa-se para que o público possa desfrutar completamente da visão da banda. Tem gestos ousados, nada daqueles salameques dos directores clássicos. O corpo dança, interpretando o ritmo. As mãos, no ar, descrevem ângulos rectos, abertos, fechados. Antecipa as marcações. Cada gesto tem um significado preciso, devidamente entendido pelos músicos.

Mathias Ruegg é o director (e compositor) da Vienna Art Orchestra.

Descrivê-lo será uma forma pouco ortodoxa de começar a dizer o que foi o concerto dado pela banda ontem à noite no Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Gulbenkian, com que se iniciou o ciclo Jazz em Agosto 88. Mas pouco ortodoxo foi o próprio concerto, o som da orquestra também não deve nada ao que é habitual nestas coisas, o comportamento dos músicos idem, idem — e o público lisboeta de jazz ficou algo surpreendido com tamanho «desvio» aos (pre)conceitos vigentes sobre a matéria.

Um público habituado aos trios, quartetos ou quintetos tradicionais do Cascais Jazz e

seus sucessores, que talvez tenha assistido, uma vez por outra, à actuação das «big bands» norte-americanas, foi colhido de surpresa com Vienna Art Orchestra. Porque esta rompe simplesmente as barreiras.

O que é a música jazz, afinal? Em cem anos de história já conheceu tantas formas que é impossível lembrá-las todas. Jazz e blues, como bop, free, swing ou cool.

Toca jazz o grupo que interpreta fielmente uma partitura, sem o mínimo desvio, toca jazz igualmente o grupo que improvisa da primeira à última nota. Nenhuma outra corrente musical será tão ecléctica. Tão imensa. Universal.

De algum modo, a resposta à questão foi dada pelo espectáculo da Vienna Art Orchestra, também ele ecléctico: começou com as sonoridades à Ellington, à «big band» norte-americana, teve momentos de puro «straight»-jazz com Ruegg a comandar o som ao infimo por menor, passou pelos blues, atingiu as alturas do improviso total, descomandado, vagueou pelas tendências europeias mais classistas e/ou contemporâneas, para terminar pertinho do «dixieland», das bandas de rua que alegravam os domingos em Nova Orleães.

«O jazz tornou-se uma linguagem universal» — diz Mat-

hias Ruegg. Citemos também Ornette Coleman: «Jazz e música erudita cada vez de aproximam mais.»

Já não se pode duvidar de um concerto de jazz onde não está um único negro, na assistência e nos músicos — dúvida colocada em letra de forma por José Duarte.

A única diferença entre brancos e negros resume-se ao swing. Ambos o tocam com o mesmo sentimento, já não conseguimos distinguir, pela sonoridade, a cor da pele do músico. Mas o branco foi bebê-lo, enquanto o negro é a fonte. Essa a diferença.

Ao mesmo tempo, esbatem-se as características que permitem distinguir o som proveniente dos Estados Unidos — pátria do jazz — e o feito na Europa: houve uma aproximação, os norte-americanos vieram buscar o intelectualismo, os europeus foram procurar o vigor físico. Miolos ou pernas, hoje tanto faz — desde que o som seja bonito, inovador, agradável.

Estas notas marginais ocorrem-nos durante o espectáculo da Vienna Art Orchestra. Fora apresentada como uma das melhores orquestras de jazz do Velho Continente — e fez jus a esta promoção. Pratica um som criativo e refrescante. A Gulbenkian e a Acarte acertaram em



Vienna Art Orchestra, máquina afinada a produzir bom jazz, onde está sempre alguém a sol-

ADE

cheio na escolha para abrir um ciclo que pretende divulgar ao público português o jazz contemporâneo. Cecil Taylor e Ornette Coleman, duas figuras igualmente da vanguarda criativa, vão fechá-lo.

As inovações da Vienna Art Orchestra começam logo pelo som: raramente ouvimos um som tão cristalino a sair do PA. A responsabilidade é de Eirch Dorfinger, engenheiro de som que integra a orquestra. E não se limita a tornar nítidas as sonoridades de cada instrumento: atento, modula as saídas consoante os solos, faz vibrar um coro de metais, consegue efeitos especiais que muito enriquecem o produto final da orquestra.

A figura de Mathias Ruegg é o pólo central, dinamizador, do espectáculo. Mas é mais do que isso; faz arranjos estupendos com o mesmo à vontade a tratar temas de compositores clássicos como de Thelonius Monk — de quem a banda tocou magistralmente uma peça, pondo em evidência a virtuosidade da secção de saxofones.

Mas virtuosos são todos os 12 músicos. A sua formação erudita não os impede de se soltarem em solos como qualquer jazzman o faria — e ouvimos ontem à noite alguns trechos melhor tocados do que os



Um solo inesquecível, este da tuba de Jon Sass — o único músico negro da orquestra —, a que assistem interessados os companheiros. A maior ovação para um número nunca visto pela maioria dos 1500 espectadores. Vale a pena ir revê-lo hoje à noite

de muita primeira figura dos bons catálogos discográficos.

Roman Schwaller, em sax tenor, mostrou logo no primeiro tema da noite que tínhamos ali homem para grandes sopros. Herbert Joos exibiu a seguir um indiscutível bom gosto, ao solar com o feliscorne numa balada arrastada. Harry Sokal evidenciou-se no saxofone no tema de Monk, tocado a seguir. Antes, porém, Uli Scherer calou toda a gente com um solo de piano dentro da linha de um Bill Evans, a trio — como se estivessemos num pequeno clube e não no Anfiteatro, com 1500 pessoas.

O quarto tema da noite realçou a voz de Lauren Newton, dona de um «scat» de alto calibre. Terá passado despercebido a muita gente o facto de que Lauren cantou (tocou?) praticamente todo o concerto, pois a sua voz mais parecia uma extensão dos trompetes — secção onde, aliás, está integrada. A

inovação passa também por aqui.

«Three Questions» deu-nos um piano à ECM, a fazer lembrar Keith Jarrett. Marcou também a entrada do concerto em áreas mais europeias.

A primeira parte terminou com um dos momentos que mais agradaram ao público: «When blue elephants refuse to dream», anunciou Ruegg, e Jon Sass — o único negro em palco — tocou tuba como a esmagadora maioria jamais acharia possível. Um solo estranho, com laivos bem humorados, Sass a tirar partido do sopro, a enfeitizar a audiência — e a desatinar quando o ruído de um avião se sobrepôs à sua tuba.

O único defeito do Anfiteatro da Gulbenkian é estar perto de uma das rotas de aterragem no aeroporto de Lisboa: por mais de uma vez os aviões estragaram a magia da Vienna Art Orchestra.

O recomeço trouxe-nos os

«blues» na sua expressão mais simples, tema atacado pelo contrabaixo e bateria. Depois, cada um foi entrando de mansinho. Terá sido o momento mais fraco, por vulgar, de todo o concerto. Harry Sokal mudou para a flauta no tema seguinte, um solo à Steig, mais soprado que tocado. Os trompetes com surdina e uma amplificação especial de Dorfinger criaram um bonito efeito.

Um problema com um dos micros da secção de trompetes fez baixar nitidamente a qualidade sonora, enquanto não foi resolvido.

As peças seguintes foram

também vulgares — excepção feita para a interpretação de Lauren, que deixou o «scat» para mostrar que também sabe cantar com a voz, além de a usar como um instrumento.

A terminar, uma exibição a pender para o «free-jazz», com misturas quase «funkie» — uma sonoridade híbrida, esforçada, menos agradável nos arranjos do que os temas da primeira parte do concerto, de indiscutível alto nível. É aliás pelos arranjos que a Vienna Art Orchestra se impõe: são arrojados, bem imaginados, bem conduzidos e bem tocados. Que é preciso mais?

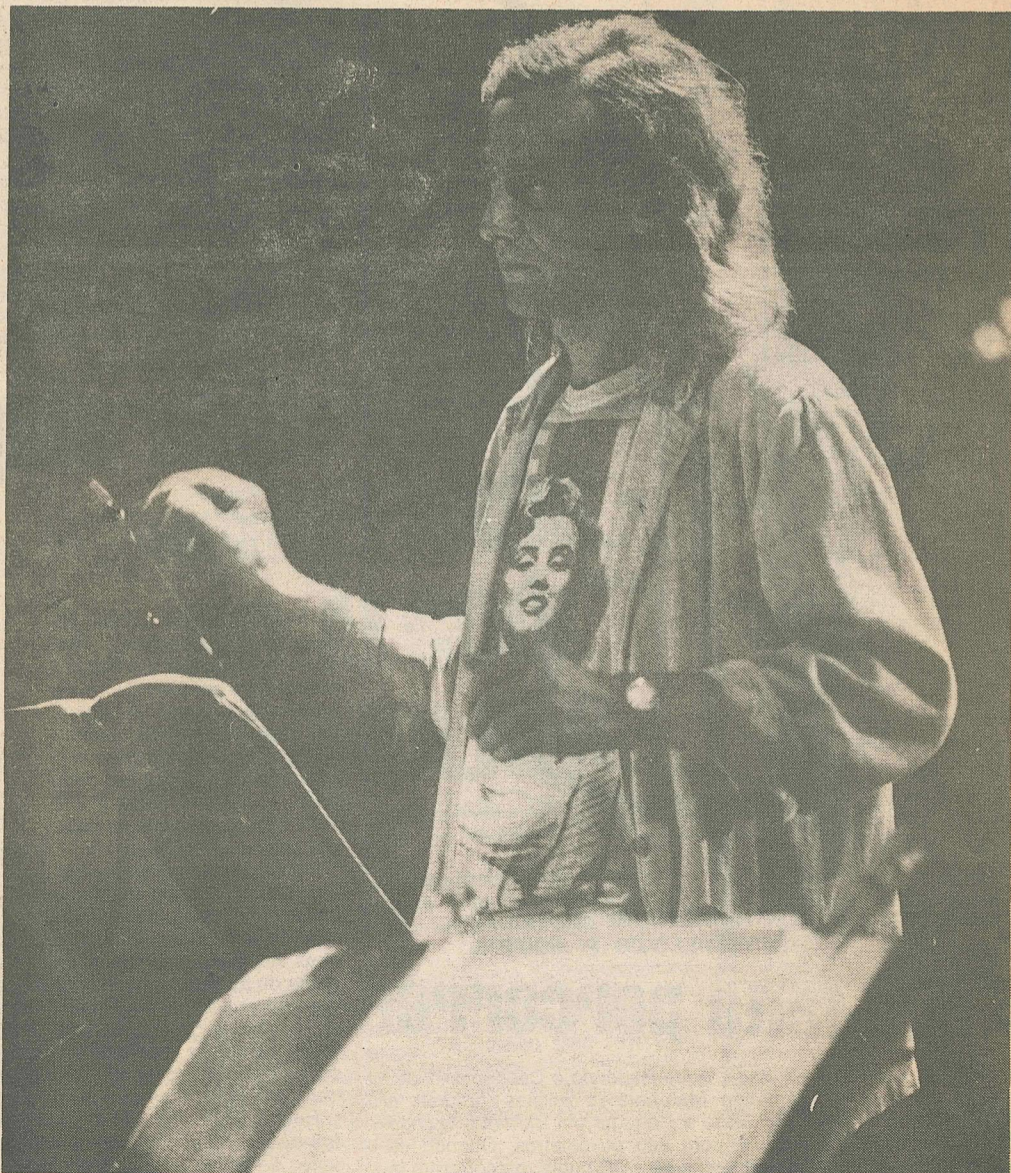
O «encore» — arrancado a custo — trouxe quatro músicos para junto do público: Jon Sass e a tuba, Wolfgang Pusching e o saxofone, Christian Radovan e o trombone, Hannes Kotek e o trompete. Foi um «encore» diferente, o público riu e acompanhou o ritmo fácil com palmas e meneios corporais — o resto da orquestra juntou-se e em fila, com o «sax» à frente, deixaram o palco por um dos lados. Uma forma bonita de dizer adeus.

Adeus, ainda não: até à vista. Porque a Vienna Art Orchestra dá novo concerto no mesmo sítio, esta noite. E vale a pena lá ir.

## MAIS SETE CONCERTOS

O ciclo «Jazz em Agosto 88» inclui mais sete concertos, o primeiro dos quais esta noite, com a repetição do «show» de ontem pela Vienna Art Orchestra. Dia 10 é a vez do sexteto de António Pinho Vargas, o Colectivo de Carlos Martins toca dia 12 e depois é a vez de outros dois nomes grandes do jazz: Cecil Taylor (com Roger Woodward), dias 17 e 18 e Ornette Coleman (com a Prime Time Band), nos dias 24 e 25.

Os bilhetes vendem-se na Gulbenkian de terça a domingo das 13 às 19 horas e uma hora antes dos espectáculos. Custam 500 escudos para os concertos dos músicos portugueses e 800 escudos para os restantes. Têm 50 por cento de desconto os estudantes, jovens até aos 18 anos, portadores do cartão-Jovem, sócios da APEM, Hot-Club, Juventude Musical Portuguesa e músicos profissionais.



Mathias Ruegg é um director de orquestra pouco ortodoxo, mas muito inovador nos arranjos que cativaram o público do Anfiteatro da Gulbenkian



Ar em cima da estrutura rítmica e melódica